

Sofrimento psíquico, adolescência e efeitos pandêmicos: Análise de atendimentos psicoterapêuticos em clínica-escola

Psychological suffering, adolescence, and pandemic effects: Analysis of psychotherapeutic care in a teaching clinic

Sufrimiento psíquico, adolescencia y efectos pandémicos: Análisis de atendimientos psicoterapêuticos en clínica-escuela

Souffrance psychique, adolescence et effets de la pandémie: Analyse des soins psychothérapeutiques au sein d'une clinique universitaire

 10.5020/23590777.rs.v24i3.e14194

Julia Goulart Gomes  

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro (2016-2020). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, recebendo bolsa do CNPq (2021-2023). Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz (2023-2024).

Rebeca Nonato Machado  

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, com pós-doutorado pela mesma universidade. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e Especialista em Psicoterapia de Família e Casal. Atualmente é Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professora e Supervisora do curso de especialização em Psicoterapia de Família e Casal do CCE (PUC-Rio).

Resumo

Este trabalho é fruto de uma ampla pesquisa institucional sobre o impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos fluminenses. Temos como objetivo refletir sobre as diferentes expressões do sofrimento psíquico de adolescentes, vivenciadas antes e durante a pandemia de COVID-19, que fizeram psicoterapia no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Para isso, realizou-se uma pesquisa documental, coletando dados de relatórios semestrais de atendimentos psicoterapêuticos psicanalíticos, realizados no SPA da PUC-RJ, nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021 (os dois últimos representando o período pandêmico). Analisaram-se relatórios de 23 adolescentes atendidos, na faixa etária dos 15 aos 18 anos de idade. Entre esses participantes, 14 eram mulheres (61%) e nove homens (39%). A maioria dos participantes tinha 18 anos completos (35%), seguido de participantes com 17 (26%) e 16 (26%) anos. Para análise dos documentos, utilizou-se o método de análise de conteúdo em sua vertente categorial. A fim de aprofundar a discussão dos dados, apresentamos a categoria *sofrimento psíquico na adolescência e construção de sentido*. Abordamos temas como experiência de morte de parentes, necessidade de novos relacionamentos afetivos, ansiedades ligadas ao valor da própria existência e estranhamento do corpo. Observamos também que o sofrimento psíquico foi menos possível de ser narrado durante o período pandêmico e que os jovens expressaram o sofrimento por meio da automutilação e de manifestações psicossomáticas. Dessa forma, compreende-se a importância do trabalho psicoterapêutico no auxílio dos adolescentes inseridos em contexto de múltiplas vulnerabilidades, possibilitando a expressão de seus sofrimentos e medos. Ademais, enfatiza-se a importância de direcionamento, atenção e cuidado, por parte dos familiares, aos jovens, oferecendo suporte diante dessa solidão, típica dessa fase.

Palavras-chave: adolescência, pandemia, sofrimento psíquico, psicoterapia.

Abstract

This work is the result of an extensive institutional research on the impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of Rio de Janeiro residents. We aim to reflect on the different expressions of psychological suffering experienced by adolescents, before and during

the COVID-19 pandemic, who were in psychotherapy at the Applied Psychology Service (SPA) of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro. Therefore, a documentary research was carried out, collecting data from reports made every semester of psychoanalytic psychotherapeutic care carried out at the university X SPA, in the years 2018, 2019, 2020 and 2021 (the last two representing the pandemic period). Reports of 23 adolescents aged between 15 and 18 years old were analyzed. Among these participants, 14 were women (61%) and nine were men (39%). Most participants were 18 years old (35%), followed by participants aged 17 (26%) and 16 (26%) years old. For document analysis, the content analysis method was used in its categorial aspect. To enhance the debate, we present the category psychological suffering in adolescence and construction of meaning. We approach themes such as the experience of the death of relatives, the need for new affective relationships, anxieties linked to the value of one's own existence and strangeness of the body. We observed that psychic suffering was less likely to be narrated during the pandemic period. Young people expressed feelings through self-mutilation and psychosomatic manifestations. We consider it important to improve psychotherapeutic interventions that help adolescents, in a context of multiple vulnerabilities, to give meaning to suffering, so that they can express themselves. Family members must direct their care to young people and be present in the immense loneliness of this phase.

Keywords: adolescence, pandemic, psychological distress, psychotherapy.

Resumen

Este trabajo es fruto de una amplia investigación institucional sobre el impacto de la pandemia de COVID-19 en la salud mental de los fluminenses. Tenemos como objetivo reflexionar sobre las diferentes expresiones del sufrimiento psíquico de adolescentes, experimentadas antes y durante la pandemia de COVID-19, que hicieron psicoterapia en el Servicio de Psicología Aplicada (SPA) de la universidad X. Para esto, se realizó una investigación documental, recogiendo datos de informes semestrales de atendimientos psicoterapéuticos psicoanalíticos, realizados en el SPA de la universidad X, en los años de 2018, 2019, 2020 y 2021 (los dos últimos representando el período pandémico). Fueron analizados informes de 23 adolescentes atendidos, con edades entre 15 y 18 años. Entre estos participantes, 14 eran mujeres (61%) y 9 eran hombres (39%). La mayoría de los participantes tenía 18 años cumplidos (35%), seguido de participantes con 17 (26%) y 16 (26%) años. Para análisis de los documentos, se utilizó el método de análisis de contenido en su vertiente categorial. Para profundizar la discusión de los datos, presentamos la categoría sufrimiento psíquico en la adolescencia y construcción de sentido. Enfocamos temas como experiencia de muerte de parientes, necesidad de nuevos relacionamientos afectivos, ansiedades relacionadas al valor de la propia existencia y extrañamiento del cuerpo. Observamos también que el sufrimiento psíquico fue menos posible de ser narrado durante el período pandémico y que los jóvenes expresaron el sufrimiento por medio de automutilación y de manifestaciones psicósomáticas. De esta forma, se comprende la importancia del trabajo psicoterapéutico en el auxilio de los adolescentes inseridos en el contexto de múltiples vulnerabilidades, posibilitando la expresión de sus sufrimientos y miedos. Además, se enfatiza la importancia de direccionamiento, atención y cuidado, por parte de los familiares, a los jóvenes, ofreciendo soporte ante esta soledad, típica de esta fase.

Palabras-clave: adolescencia, pandemia, sufrimiento psíquico, psicoterapia.

Résumé

Ce travail est le résultat d'une vaste recherche institutionnelle sur l'impact de la pandémie de COVID-19 sur la santé mentale des habitants de Rio de Janeiro. Notre objectif est de réfléchir sur les différentes expressions de souffrance psychologique vécues par les adolescents, avant et pendant la pandémie de COVID-19, en psychothérapie au Servicio de Psicología Aplicada (SPA) de l'Université Pontificale Catholique de Rio de Janeiro. Ainsi, une analyse documentaire a été réalisée, recueillant des données à partir de rapports semestriels de soins psychothérapeutiques psychanalytiques, réalisés à la université X SPA, dans les années 2018, 2019, 2020 et 2021 (les dernières représentant la période pandémique). Les témoignages de 23 adolescents, âgés de 15 à 18 ans, ont été analysés. Parmi ces participants, 14 étaient des femmes (61%) et neuf étaient des hommes (39%). La majorité des participants avaient 18 ans (35%), suivis des participants âgés de 17 (26%) et de 16 (26%) ans. Pour l'analyse documentaire, la méthode d'analyse de contenu a été utilisée dans son aspect catégoriel. Pour approfondir la discussion, nous présentons la catégorie de la souffrance psychologique à l'adolescence et la construction du sens. Nous abordons des sujets tels que l'expérience de la mort de membres de la famille, le besoin de nouvelles relations affectives, l'angoisse liée à la valeur de sa propre existence et la haine destructrice du corps. Nous avons observé que la souffrance psychique était moins rapportée pendant la période pandémique. Les jeunes exprimaient leurs sentiments par le biais de mécanismes de défense, tels que l'automutilation et les manifestations psychosomatiques. Nous considérons qu'il est important de pratiquer des interventions psychothérapeutiques qui aident les adolescents, dans un contexte de vulnérabilités multiples, à donner un sens à la souffrance afin qu'ils puissent s'exprimer. Les membres de la famille doivent porter leur attention sur les jeunes et être présents dans l'immense solitude de cette étape.

Mots-clés : adolescence, pandémie, souffrance psychique, psychothérapie.

No final do ano de 2019, os cientistas identificaram o surgimento de uma nova doença nomeada como COVID-19 (ou novo coronavírus) na população da cidade de Wuhan, na China. Até aquele momento, para além da Ásia, os demais continentes não acreditavam na intensidade desse vírus e grande parte da população brasileira desconhecia o perigo relacionado ao evento. Em março de 2020, os primeiros casos começaram a surgir no Brasil e a doença foi classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como situação de pandemia (Birman, 2020).

O início da pandemia no Brasil foi um momento de extrema sensibilidade, que envolveu a necessidade do uso de medidas drásticas, como a imposição de um isolamento social, no intuito de evitar maior transmissão do vírus, bem como fechamento de escolas e outros locais públicos. Esse período ficou conhecido como “quarentena” e foi ao longo dele que a população começou a se deparar com sensações de medo, principalmente em relação à infecção, à morte, ao desamparo diante da situação política, econômica, social e sanitária, bem como privações de inúmeras condições ligadas à rotina anterior (Birman, 2020; Ornell et al., 2020).

No momento atual, já vivemos mais de dois anos e meio de pandemia. Após algumas doses de vacina oferecidas à população e a liberação de diversas restrições, até o final do mês de novembro de 2022, foram confirmados mais de 643 milhões de casos da doença, resultando em mais de seis milhões de mortes mundo todo (World Health Organization, 2022). Tais dados se desatualizam rapidamente, posto as inúmeras ondas de infecção, como a que surgiu no estado do Rio de Janeiro em novembro de 2022. Portanto, é notável que a doença ainda afete drasticamente a saúde de milhares de pessoas, nas dimensões política, social, familiar e sanitária. Levando em consideração essa dinamicidade do contexto pandêmico da COVID-19, pretendemos compreender o impacto na saúde mental de adolescentes observado para além de estatísticas.

A pandemia de COVID-19 potencializou ainda mais a indiscutível relevância da saúde mental para a saúde pública, ganhando maior destaque em 2018, ano em que a OMS tinha declarado a depressão como a doença que tinha a maior taxa de incidência e de prevalência na população mundial. Com isso, nos meses de maio e junho de 2020, de acordo com Birman (2020), a OMS se pronunciou a respeito da importância da questão da saúde mental e chamou atenção para os efeitos psíquicos da situação pandêmica sobre os indivíduos.

Como mencionado anteriormente, o terror da morte se apresentou como um dos primeiros efeitos psíquicos da pandemia, visto que a invisibilidade do vírus e a inexistência de protocolos terapêuticos seguros transformaram o novo coronavírus em um inimigo impalpável (Bezerra et al., 2020; Birman, 2020; Brooks et al., 2020; Melo et al., 2020; Salari et al., 2020). Os sentimentos de medo de contaminação, assim como medo do desconhecido e das incertezas, podem ter um relevante impacto na saúde mental, causando depressão, estresse e ansiedade (Ozamiz-Etxeberria et al., 2020).

Os adolescentes estão entre os grupos que mais sofrem com o atravessamento dessa experiência. Segundo Malavé (2020), em uma reportagem para o Portal Fiocruz, a saúde mental das crianças e dos adolescentes merece maior atenção, especialmente durante o período da pandemia. Esse grupo precisou enfrentar uma série de adversidades, tais como as mudanças familiares e as demandas escolares em um cenário virtual.

Em pesquisas um pouco mais atuais, Wünsch et al. (2021) observaram nos adolescentes medo da infecção, incerteza em relação à doença e sentimentos de frustração e tédio. Os autores identificaram informações inadequadas, perda financeira da família, luto familiar e isolamento físico e social enquanto fatores que afetam a saúde mental dos jovens. Ademais, a saúde mental dos jovens continua sendo uma preocupação, de acordo com um projeto desenvolvido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em parceria com a organização da sociedade civil Viração Educação. Esse cenário acontece no momento de uma atual melhora da situação pandêmica, possibilitando o retorno da rotina. Em uma enquete com 7,7 mil adolescentes, entre 15 e 19 anos, metade sentiu necessidade de pedir ajuda em relação à sua saúde mental durante a pandemia de COVID-19 (UNICEF, 2022).

Marty (2010) afirma que o adolescente precisa ser visto pelo psicoterapeuta como um “soldado ferido” que sofreu um ataque inesperado. Essa metáfora foi pensada pelo autor devido à série de novas emoções resultantes das transformações corporais e psíquicas, algo inerente a esse período de vida e que gera uma sensação autodestrutiva para os jovens, que se sentem incapazes de entendê-las. Neste trabalho, parece-nos adequado retomar a ideia do adolescente como um “soldado ferido”, visto que, para além das emoções que ele já naturalmente enfrenta face ao contexto pandêmico, ele se vê diante de algo ainda mais inesperado: um evento catastrófico que provoca outras diversas mudanças em seu cotidiano.

Compreende-se, então, que não faltam evidências que mostrem o grande impacto desse evento na saúde mental de adolescentes (Campana & Casella, 2021; Imran et al., 2020; Liang et al., 2020; Oliveira et al., 2020; Oosterhoff et al., 2020; Wünsch et al., 2021; Zhou et al., 2020). Embora a situação pandêmica se caracterize como um evento ainda em curso, não sendo possível dimensionar amplamente as repercussões dessa experiência a longo prazo, consideramos que seja de extrema relevância iniciar um mapeamento aprofundado sobre as vivências pessoais e trocas familiares face a esse período. Por isso, no presente trabalho, pretendemos discutir sobre as diferentes expressões do sofrimento psíquico de adolescentes, vivenciadas antes e durante a pandemia de COVID-19, identificadas ao longo da psicoterapia realizada no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Método

Foi realizada uma investigação documental de natureza qualitativa. Para a análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo de Bardin (2010) em sua vertente categorial, sendo complementada com o método clínico-qualitativo (Turato, 2000). Este último possibilita melhor compreensão dos dados encontrados no ambiente clínico, a partir de um conjunto de métodos e técnicas apropriadas para refletir e interpretar os sentidos e significados do fenômeno aqui estudado. Trata-se de um trabalho investigativo com dados retrospectivos coletados de relatórios psicológicos de atendimentos em uma clínica-escola. A partir da nomenclatura de Fortes e Macedo (2018) o trabalho é caracterizado como empírico-clínico, pois analisa um material clínico fruto de atendimentos psicoterapêuticos psicanalíticos, a adolescentes, realizados por alunos estagiários no curso de graduação em psicologia.

Participantes, instrumentos e procedimentos

Foram coletados dados dos relatórios psicológicos semestrais, do SPA da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, referentes a atendimentos de adolescentes que apresentaram demanda de psicoterapia antes (nos anos de 2018 e 2019) e durante a pandemia de COVID-19 (nos anos de 2020 e 2021). Tais relatórios possuem uma estrutura institucional, de modo que contemplam informações delimitadas em quatro seções: *descrição da demanda, procedimento, evolução do trabalho e conclusão*. Os relatórios são escritos pelos estagiários de graduação em psicologia da referida universidade, sendo revisados e avaliados pelo supervisor responsável de cada equipe.

Para a seleção dos relatórios adotaram-se alguns critérios de exclusão. Utilizaram-se apenas os documentos de atendimentos realizados com adolescentes entre 15 e 18 anos. A escolha do perfil da idade dos adolescentes foi realizada de acordo com as diretrizes determinadas pela OMS, e adotadas pelo Ministério da Saúde, que definem a adolescência no período entre 10 e 19 anos e situam a juventude no período entre 15 e 24 anos. Baseando-se Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente que determina a adolescência no período entre 12 e 18 anos de idade, decidimos que os participantes teriam entre 15 e 18 anos completos para a inclusão no estudo. Além disso, apesar da referida clínica-escola ser composta por uma diversidade de equipes de atendimento, orientadas por supervisores de múltiplas abordagens, foi realizado um recorte para a pesquisa. Portanto, analisamos apenas os relatórios de equipes que trabalharam com o método clínico psicanalítico.

No total, analisaram-se 30 relatórios de 23 adolescentes diferentes. Salienta-se, no entanto, que alguns haviam permanecido em atendimento por mais de um semestre e, por isso, apresentavam dois relatórios sobre a evolução do processo psicoterapêutico. Os jovens estavam na faixa etária dos 15 aos 18 anos de idade, com exceção de um único sujeito que completou os 15 anos durante o processo de psicoterapia, portanto iniciou-o com 14 anos de idade. Entre os sujeitos, 14 eram mulheres (61%) e 9 homens (39%). A maioria dos jovens tinha 18 anos completos (35%) no momento da realização dos atendimentos, seguido de adolescentes com 16 (26%) e 17 (26%) anos. Os sujeitos com 15 anos representaram a minoria (9%).

No intuito de realizar uma análise de divergências e convergências, entre as manifestações de sofrimento presentes nos anos anteriores e durante o período pandêmico, comparamos o sexo e as idades dos participantes de acordo com essa divisão. Tanto antes quanto durante a pandemia, analisaram-se mais relatórios de mulheres do que de homens. Em relação à idade, antes da pandemia observamos que a maioria dos participantes tinha 18 anos completos, enquanto durante o período pandêmico a maioria dos participantes tinha 16 ou 17 anos.

Análise dos dados

Após a leitura dos relatórios, criou-se uma tabela no programa Excel contendo informações consideradas relevantes para a análise dos dados contidos nesses documentos, excluindo dados que pudessem revelar a identidade do paciente. A tabela foi dividida em: número criado para identificar o relatório; semestre em que o sujeito permaneceu em atendimento; pseudônimo dado ao paciente, no intuito de resguardar sua identidade (Sujeito 1, Sujeito 2, Sujeito 3 etc.); sexo do paciente; idade do paciente; com quem morava; queixa inicial apresentada pelo paciente; demanda por mandato; e nome dado à equipe de supervisão responsável pelo caso. Essas informações foram importantes para criar uma base de dados e facilitar o trabalho de análise.

Conforme mencionado, para a análise dos dados obtidos dos relatórios semestrais, utilizou-se o método de análise de conteúdo (Bardin, 2010), acrescido do método de análise clínico-qualitativa (Turato, 2000). A técnica de análise categorial temática foi realizada com base na revisão bibliográfica e a partir de uma leitura flutuante para decodificação dos dados presentes nos documentos. Posteriormente, os dados foram organizados por meio de categorias temáticas que emergiram dos documentos.

Os resultados emergidos da análise do material coletado dos relatórios foram discutidos a partir de uma revisão de literatura. Portanto, utilizamos como referencial teórico a psicanálise, pautados em perspectivas plurais nesse campo, sobretudo, articulando autores que desenvolveram concepções direcionadas ao desenvolvimento do psiquismo e ao estudo da adolescência (Campos, 1975/2011; Cidade & Zornig, 2021; Marty, 2010; Outeiral, 2008; Winnicott, 1990, 2011).

Também foram abordados os estudos sobre a experiência da pandemia de COVID-19 e o sofrimento psíquico presente nesse momento de catástrofe (Bahn, 2020; Birman, 2020; Campana & Casella, 2021; Nestrovski & Seligmann-Silva, 2000; Penna, 2015; Puget, 2015).

Considerações éticas

O projeto da pesquisa aqui descrita foi encaminhado à Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, recebendo parecer (03-2022) de aprovação. Também foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo CEP/SMS-RJ. Para a coleta de dados, a pesquisadora assinou um Termo de Comprometimento de Utilização de Dados (TCUD), afirmando o comprometimento e a responsabilidade frente à posse dos dados. Foi providenciado também um pedido de isenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ao Comitê de Ética. É importante ressaltar que, no momento de início dos atendimentos psicoterapêuticos, todos os usuários do SPA assinam um TCLE da instituição, o que permite que os dados contidos nos relatórios semestrais sejam utilizados para pesquisa, ensino e publicação. Além disso, também foi solicitada uma declaração de anuência da instituição.

Resultados e Discussão

Com o intuito de atingir os objetivos e manter como foco de trabalho o período da pandemia de COVID-19, foi realizada uma análise comparativa e contrastiva dos anos pré-pandêmicos com os anos do evento. Para tal, observamos as queixas iniciais apresentadas com maior frequência ao longo dos anos. Em seguida, foi possível analisar o sofrimento psíquico associado ao período da adolescência e, simultaneamente, às experiências de crises imprevisíveis ao longo dessa fase de vida, como mortes, separações dos pais e a pandemia. Por último, percebemos que foram descritos, nos relatórios, vivências desses adolescentes em relação às figuras parentais e suas funções de cuidado. Buscamos, então, compreender a importância desse cuidado para os jovens. A partir disso, e como fruto da análise de conteúdo dos relatórios, emergiram três categorias: *Queixa inicial: do sintoma ao contato com o sofrimento; Conflitos familiares e frustrações face ao cuidado parental; Sofrimento psíquico na adolescência e construção de sentido*. No presente trabalho, apresentaremos a análise e discussão acerca da terceira categoria.

Sofrimento psíquico na adolescência e construção de sentido

Para analisar o sofrimento psíquico de adolescentes precisamos enxergá-lo dentro de dois diferentes contextos. Primeiramente, existem acontecimentos externos, as chamadas crises imprevisíveis, que podem abalar a dinâmica familiar estabelecida anteriormente. São eventos catastróficos que podem se tornar experiências traumáticas de acordo com a forma como o indivíduo vive a situação (Falcke & Wagner, 2005; Nestrovski & Seligmann-Silva, 2000). A pandemia, assim como experiências de luto por morte, enquadra-se nesse contexto. Em segundo lugar, é necessário relacionar o sofrimento psíquico às experiências de luto dessa fase de vida, inerentes ao movimento de passagem da infância para a adolescência (Campos, 1975/2011; Cidade & Zornig, 2021; Outeiral, 2008).

Assim, as vivências naturais de perdas e lutos no período da adolescência estão associadas às modificações corporais e psíquicas que os adolescentes estão sujeitos durante o processo de amadurecimento. Ainda, e para além disso, somam-se a essas alterações as experiências da pandemia, também causadoras de angústia. Logo, os eventos externos que ocorrem ao longo desse período servem como pano de fundo para o sofrimento, junto às mudanças decorrentes da adolescência, podendo se transformar em experiências extremamente dolorosas.

Na análise dos relatórios, identificaram-se quatro fontes significativas de sofrimento psíquico mais trabalhadas durante o processo psicoterapêutico: experiência de morte de parentes, necessidade de novos relacionamentos afetivos, ansiedades ligadas ao valor da própria existência e estranhamento do corpo. A experiência de morte de parentes na família pode ser considerada uma crise imprevisível, pois assume um caráter de algo inesperado e altera a relação familiar, que passa a ser permeada pela vivência de um luto. Nos relatórios, encontramos duas narrativas que mencionam o luto pela perda de um dos pais, uma no período pré-pandêmico e outra em decorrência da pandemia de COVID-19. Sobre essa questão acreditamos ser importante descrever as narrativas desses dois casos.

Em 2018, uma jovem de 17 anos (Sujeito 5) teve que enfrentar um processo de luto devido à morte repentina da mãe por um acidente. Embora mãe e filha discutissem sobre algumas questões, mantinham uma relação de companheirismo e amizade. O estagiário responsável pelo caso sinalizou que as questões relacionadas à elaboração desse luto foram mencionadas aos poucos e trabalhadas com certa resistência. No entanto, a adolescente conseguiu falar sobre a saudade da mãe e o sentimento de culpa (sentia-se, de certa forma, responsável pelo acontecimento).

Por outro lado, em 2021, um adolescente de 18 anos (Sujeito 23) chega ao SPA devido à experiência de três lutos significativos, incluindo o pai, falecido por complicações da doença de COVID-19. Durante o tratamento, o jovem

abordou questões relacionadas à figura paterna de maneira superficial, demonstrando resistência em trabalhar assuntos mais profundos ou graves, atendo-se a eventos do cotidiano nas suas falas. O estagiário identificou que a experiência de luto do adolescente parecia ser algo da ordem do indizível.

Freud, em *Luto e melancolia* (1915/2010, p. 128), define o luto como “a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc.”. O autor denomina como “doloroso” o estado de ânimo do luto, incluindo a perda da capacidade de amar e de interesse pelo mundo exterior como características do processo. Nele, o exame da realidade mostra que o objeto amado perdido não pode ser recuperado e a libido deve ser transferida. Assim, dentro dessa contextualização a respeito da noção freudiana de luto, na ilustração apresentada anteriormente, o Sujeito 5 demonstra estar atravessando um luto de forma saudável. Dessa forma, ao falar sobre o processo de luto durante o trabalho psicoterapêutico, permite um processo de elaboração.

No entanto, a diferença entre as duas descrições clínicas apresentadas está na forma como esses adolescentes enfrentam e expressam o seu sofrimento psíquico relacionado a essa experiência de perda. Enquanto no primeiro caso o processo de luto torna-se possível de ser elaborado, no segundo, observamos uma dificuldade para expressá-lo. Nesse sentido, de acordo com Penna (2015), o luto, quando se apresenta como algo da ordem do indizível, é ainda mais complexo e pode ser transmitido entre gerações como uma experiência que não foi elaborada.

Durante a pandemia, os sujeitos vivenciaram um processo de luto coletivo, que se caracteriza como impensável e não simbolizável (Penna, 2015). Quando experiências de luto são invalidadas, como aconteceu no Brasil devido ao não reconhecimento da gravidade das mortes e das perdas pelos governantes do país, maiores são as chances de continuarem como um processo impossível de ser elaborado. Nesse contexto, Birman (2020) considera a impossibilidade do trabalho de luto como uma formação sintomática que surgiu no período pandêmico. As características identificadas no processo de enlutamento vivido pelo Sujeito 23 fortalecem tais pontuações.

Em relação ao sofrimento associado às mudanças inerentes ao período da adolescência, notamos que as modificações nos relacionamentos afetivos são, com frequência, experiências dolorosas. Dos 23 jovens atendidos, cinco mencionaram questões relacionadas às dificuldades nos relacionamentos afetivos. Antes da pandemia, uma jovem de 18 anos, que iniciou seu tratamento em 2018 (Sujeito 6), manifestou um sofrimento por desejar ter uma independência emocional e financeira de sua mãe, reivindicando a saída de uma posição infantil para uma posição adulta. Nesse sentido, de acordo com Winnicott (1990, 2011), transitar da dependência para a independência é um movimento saudável, porém alcançar esse lugar transitório não é uma conquista fácil. Portanto, a saída de uma posição infantil para uma posição adulta não exclui a existência de padrões dependentes por parte do adolescente.

O que percebemos a partir de Winnicott é que a dificuldade e, simultaneamente, a necessidade de se separar dos pais são reações saudáveis do período da adolescência. Para atravessar esse momento sem vivenciar uma solidão, é importante que o jovem mantenha proximidade com um círculo social distante do seu grupo familiar. Isso fica evidente no sofrimento de um menino de 16 anos, também em tratamento no ano de 2018 (Sujeito 3), que sente tristeza ao se afastar dos amigos devido à mudança de colégio.

No entanto, na pandemia, alterações e privações do ciclo social aconteceram de outras formas. Devido ao isolamento físico e social, imposto pelas medidas restritivas necessárias para conter a transmissão do vírus, as crianças e os adolescentes deixaram de frequentar ambientes escolares presencialmente e suas relações passaram a ser mediadas pela tela de um aparelho eletrônico. Um menino de 16 anos, que iniciou seu tratamento em 2021 (Sujeito 22), mencionou diversas mudanças na sua vida social, as quais incluíam distanciamento da família e dos amigos antigos, dando preferência às amizades virtuais.

Vitale (2019) já havia mencionado que se isolar no mundo on-line é uma forma encontrada pelo adolescente para se distanciar da família, mesmo que todos os membros ainda estejam habitando o mesmo espaço. Nessa situação, os pais se preocupam com a solidão dos adolescentes, enquanto estes estão imersos em suas redes virtuais. Diante disso, alguns autores identificaram que esse mergulho em um mundo virtual se tornou mais frequente durante a pandemia (Birman 2020; Imran et al., 2020; Manuel et al., 2022; Oliveira et al., 2020), servindo como um escape e possibilidade de separação da família confinada. Segundo Birman (2020), a experiência pandêmica deu início a uma busca frenética pelo espaço virtual, onde o sujeito procura por interações que não encontra mais no mundo real. Assim, foi por meio do uso de tecnologia digital que a proximidade dos jovens com o grupo de iguais se manteve no contexto de pandemia (Campana & Casella, 2021). Entendemos que a preferência por parte do Sujeito 22 às amizades virtuais, em detrimento dos seus outros relacionamentos, parecia também aplacar o sofrimento das perdas das atividades presenciais.

Em outro caso, o Sujeito 23 apresentou resistência em manter laços romântico-afetivos e pouco mencionou sobre sua relação com a mãe e a irmã, com quem convivia, podendo ter buscado refúgio em seu mundo interno lúdico. Nesse caso, notamos que o contato com o grupo de iguais, algo extremamente importante durante a adolescência, foi substituído por outras atividades que funcionaram como válvula de escape da realidade e da condição de dependência relativa das relações (Campos, 1975/2011).

Outra fonte de sofrimento psíquico que identificamos tem relação com as ansiedades ligadas ao valor da própria existência, que podem, inclusive, ser uma das causas para as dificuldades nos relacionamentos discutidas acima. Antes da

pandemia, em 2018, um jovem de 14 anos (Sujeito 7) mencionou um sentimento de desamparo e desvalorização, tendo dificuldades no reconhecimento de atitudes afetivas, sempre desconfiando de ações de carinho e cuidado. No ano de 2019, o mesmo menino, agora com 15 anos, apresentou necessidade de ser cuidado, levando-o com frequência a questionar a importância que tinha na vida dos amigos e familiares. Já no período pandêmico, em 2020, uma adolescente de 17 anos (Sujeito 20) demanda constante atenção, tanto da família quanto de sua psicoterapeuta. Essa constante necessidade de cuidado trouxe-lhe tanto sofrimento que a levou a um episódio de tentativa de suicídio, no qual a jovem ingeriu 80 comprimidos.

Associamos como hipótese que a busca incessante por cuidado parece estar relacionada a uma dificuldade na capacidade de estar só. Para Winnicott (1990), a criança precisa de momentos de solidão para criar a própria vida pessoal, sendo capaz de internalizar as figuras de cuidado e, assim, atingir uma maturidade emocional e relacional. No entanto, notamos que, nas ilustrações anteriores, os adolescentes parecem ter desenvolvido uma ansiedade em relação à vivência de “estar só”, enquadrando-se na alternativa patológica de Winnicott, na qual a vida é fundamentada em reações a estímulos externos. A incapacidade de estar só faz com que esses jovens estejam frequentemente pressionando por atenção, visto que precisam constantemente de uma presença externa para o seu próprio desenvolvimento. No caso do Sujeito 20, talvez pelo contexto pandêmico, parece que essa experiência foi agravada.

Sobre essa experiência na pandemia, um relatório desenvolvido por uma pesquisa irlandesa, intitulado *A new and better normal*, identificou que grande parte dos adolescentes sentiu que recebeu atenção insuficiente em relação às mudanças que ocorreram em suas vidas no período pandêmico (Meredith, 2021). Podemos pensar que o confinamento em casa junto à família pode ter exigido mais uma vez o desenvolvimento da capacidade de estar só, na medida em que pais e demais membros da família estavam ocupando o mesmo espaço, mas estavam simultaneamente solitários e sobrecarregados com suas atividades pessoais. A intensificação desse sofrimento durante a pandemia pode estar associada, portanto, a uma presença ausente mentalmente das figuras parentais que, mesmo próximas fisicamente, não deram conta de ajudar os jovens a construir sentido às vivências internas.

Por fim, os adolescentes manifestaram sofrimento ligado às experiências de luto pelas modificações corporais. Assim, a partir da análise dos dados presentes nos relatórios, identificamos que alguns sujeitos mencionaram questões relacionadas ao corpo, sendo dois deles adolescentes que estiveram em tratamento durante a pandemia, no ano de 2021. Antes da pandemia, um menino de 16 anos, que permaneceu em tratamento em 2018 (Sujeito 3), após machucar o joelho e ser impedido de praticar esportes, passou a ter medo de se lesionar. O medo de ferir o corpo pode ser reflexo do luto vivido pela perda do corpo infantil. É possível que esse temor seja uma tentativa de negar as modificações corporais, pois a experiência de transformar esse estranhamento corporal em algo familiar pode ser dolorosa para o adolescente (Cidade & Zornig, 2021).

Por outro lado, durante o período pandêmico, o Sujeito 21 recorria à automutilação para aliviar a angústia que sentia em relação a um sentimento de culpa e medo de abandono. A experiência dessa jovem parece estar de acordo com o que Cidade e Zornig (2021) sinalizam a respeito desse comportamento. As autoras afirmam que as autoferidas denunciam algo de caráter irrepresentável, conteúdos e vivências revestidos de um excesso pulsional que ultrapassou os limites do adolescente. Nesse caso, a automutilação parece ter funcionado como uma forma de liberar a tensão, o que Pommereau (2006) identifica como uma das maneiras que os adolescentes têm de enxergar esses atos. Dito isso, a estagiária responsável pelos atendimentos mencionou a necessidade de elaborar os conflitos vividos pela adolescente, para que eles não tivessem como única opção o deslocamento para a experiência corporal dolorosa em sua concretude. Contudo, sobre essa ilustração não podemos relacionar a automutilação da jovem com o impacto da pandemia de COVID-19, visto que não temos informação sobre quando essa prática se iniciou. Portanto, não é possível afirmar que essa atividade teve origem em decorrência da experiência pandêmica, mas é importante a observação de que ele permaneceu constante durante esse período.

Em outro caso, o Sujeito 22 apresentou uma manifestação corporal que surgiu como principal obstáculo para sair e se movimentar: uma coceira, que teve início no começo do ano de 2020, quando o jovem tentou sair de seu quarto. Tal manifestação o impediu de fazer atividades fora de casa. A estagiária responsável pelo caso descreveu que, ao longo do processo psicoterapêutico, foram trabalhadas questões relativas à passagem da infância para a adolescência, pois o temor de se movimentar, deslocar-se, sair de seu mundo protegido, parecia estar ligado ao medo de crescer, na fantasia inconsciente. Dessa forma, observamos como o corpo funciona como um meio de comunicação, uma tentativa por parte do adolescente de ser compreendido e seu sofrimento ganhar sentido (Cidade & Zornig, 2021).

Nesse caso, o jovem apresentou a coceira como uma manifestação psicossomática no início do período pandêmico, momento em que foram criadas as medidas restritivas, incluindo o isolamento social. Segundo Birman (2020), em condições de desamparo e desalento psíquico produzidos pelo temor da morte, o sujeito pode dar atenção excessiva ao corpo, que pode resultar em uma experiência de fragmentação corporal intensa. A coceira que impedia o jovem de experienciar seu corpo adolescente de maneira prazerosa, ao mesmo tempo o colocava “em contato” constante com esse corpo, exposto a uma realidade viral, a qual a qualquer momento poderia provocar a passagem de um corpo com saúde para um com doença enigmática.

Considerações Finais

Considerando a discussão realizada a partir dos dados analisados e apresentados, observamos que, de forma geral, o sofrimento foi menos possível de ser narrado durante a pandemia, havendo dificuldades de encontrar sentido para as dores psíquicas da fase da adolescência e da experiência de crescer na pandemia. Os pacientes em psicoterapia, durante o período pandêmico, demonstraram dificuldade para verbalizar os sofrimentos. O trabalho psicoterapêutico foi significativo para que o adolescente se deparasse com manifestações de sofrimento que se encontravam na ordem do indizível. Nesse sentido, de acordo com Nestrovski e Seligmann-Silva (2000), eventos violentos e destrutivos frequentemente assumem o lugar daquilo que é impossível de ser representado. Podemos pensar que, de certa forma, para alguns desses jovens pacientes, o sofrimento psíquico ganhou proporções violentas no psiquismo, representadas em manifestações psicossomáticas ou ações autodestrutivas.

Em relação aos adolescentes, foi possível perceber que, devido ao isolamento social, os pais passaram a condensar todas as fontes de relação e atenção dos jovens, havendo complicações no processo de individuação. Segundo Oosterhoff et al. (2020), os jovens que aderiram à medida por motivos pessoais, como medo de adoecer ou para evitar julgamentos, sentiram-se mais ansiosos. Para Campana e Casella (2021), em alguns casos a ansiedade aumentou com o prolongamento do período de isolamento e a implementação do ensino remoto.

É possível que essa ansiedade, diante do distanciamento social, tenha alguma relação com uma demanda maior por atenção e cuidados parentais por parte dos jovens. De acordo com Winnicott (1990, 2011), o ambiente familiar deve oferecer as condições necessárias para que o sujeito possa se desenvolver. Porém, no contexto da pandemia, os adultos se encontravam sobrecarregados, o que fez com que estivessem extremamente centrados nos seus próprios problemas, dificultando o oferecimento de apoio e suporte para a criança ou o adolescente (Campana & Casella, 2021; Imran et al., 2020).

Portanto, o fechamento das escolas gerou não apenas perdas no processo de aprendizado, mas também uma privação da socialização necessária entre pares, importante para o desenvolvimento emocional do adolescente (Campana & Casella, 2021). Nesse sentido, existiu uma precariedade de possibilitar o pertencimento a novos grupos, fazendo com que os jovens passassem a priorizar amizades provenientes de meios virtuais na construção de um círculo social fora do grupo familiar. No entanto, é necessário ressaltar que as medidas restritivas foram de extrema importância para diminuir a transmissão do vírus e, conseqüentemente, a contaminação da população com a doença.

Por fim, destacamos que o impacto da experiência da situação de catástrofe pandêmica foi ampliado em algumas fontes de sofrimento inerentes à adolescência. O processo de “adolescer” está relacionado à experiência de lutos e conflitos entre a necessidade de ser ainda dependente e a de se separar dos pais. Segundo Campos (1975/2011), o luto acompanha o processo identificatório da adolescência. O adolescente refugia-se em si mesmo, buscando compensar e elaborar suas perdas infantis, a partir de uma necessidade de intelectualizar e fantasiar. É nesse contexto que podem surgir intensos conflitos emocionais, na busca por adaptação a esse “novo corpo” e na elaboração desses lutos (Castanho, 2019; Outeiral, 2008). Acrescido à experiência de lutos inerente ao atravessamento do período de adolescência dos filhos, as famílias vivenciaram uma série de perdas durante a pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, Fernandes et al. (2021) sinalizam a importância e a urgência da criação e da utilização de estratégias de cuidado que apoiem as famílias em suas particularidades, diante do momento catastrófico atual e que perdura no surgimento de novas ondas de adoecimentos e complicações pós-adoecimento. De acordo com Wunsch et al. (2021), os serviços de saúde mental precisam planejar e implementar diferentes estratégias colaborativas de cuidado psicossocial ao jovem e à família, mantendo uma rede de apoio aos sujeitos em sofrimento psíquico. Tais intervenções devem ser pensadas de acordo com o contexto e a condição de vida daquele indivíduo.

Segundo Wunsch et al. (2021), o cuidado com a saúde mental deve ser precoce, pois é provável que muitos dos impactos psíquicos relacionados à pandemia de COVID-19 se manifestem no futuro, mesmo após o seu fim. Zhou et al. (2020) sinalizam que, mesmo com a estabilização da situação pandêmica, as questões psicológicas dos jovens não devem ser ignoradas. Entendemos, então, que este trabalho é mais uma fonte de reflexão para estar atento aos efeitos psíquicos atuais dos adolescentes, sobretudo, daqueles que se encontram em contexto de múltiplas vulnerabilidades, como os que são atendidos no SPA da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por fim, é necessário estabelecer sentido ao sofrimento dos adolescentes, para que possam, ao invés de se machucarem e se agredirem, ganhar caminhos de expressar seus medos e suas dificuldades.

Ao longo do caminho de construção e finalização da pesquisa aqui descrita, deparamo-nos com questões surpreendentes, algumas das quais foram mencionadas neste trabalho. A experiência de um evento catastrófico, como a pandemia, vem acompanhada de dor e sofrimento que se expressam de diferentes formas. Observamos que a experiência extremamente dolorosa foi deslocada para o corpo, acompanhada de um período de negação e fuga da realidade. Transmitir tudo isso em palavras torna-se uma tarefa difícil. Assim, pensamos sobre a importância de realmente viver e sentir os períodos de dor e de buscarmos espaços que legitimem tais vivências. Nesse sentido, concordamos com Fortes (2012, p. 176) quando a autora diz:

Não há como se viver a alegria de uma forma intensa sem se viver também a dor de uma forma intensa. No sofrimento não se encontram apenas trevas, havendo nele igualmente o encontro da luz, de uma certa sabedoria, da compreensão da

própria humanidade e da humanidade alheia, o vislumbre de algumas dimensões da existência que só na dor conseguem mostrar sua preciosidade.

Por fim, acreditamos ser necessário dar continuidade a estudos que avaliem o impacto da pandemia de COVID-19 em crianças e jovens, grupos que sofreram um acúmulo de mudanças, privações significativas de experiências importantes para o desenvolvimento (como conviver em espaços extrafamiliares e grupos sociais diversos), além de perdas em diferentes dimensões. Dessa forma, contribuindo para a divulgação da importância do cuidado com a saúde mental de adolescentes e de suas famílias, entendemos o quanto a psicoterapia ainda precisa ser amplamente difundida como recurso de ajuda. Futuramente, consideramos que também será possível investigar os efeitos psíquicos da experiência pandêmica ao longo das gerações, algo importante para compreender como será transmitida essa vivência. Como mencionamos, esse evento deixará marcas na população e precisaremos lidar com essa situação no futuro. A clínica será um rico espaço de escuta e compreensão dos desdobramentos, sobretudo, as clínicas-escolas, que oferecem atendimentos a populações que vivenciam múltiplas vulnerabilidades e são invisibilizadas pela sociedade.

Referências

- Bahn, G. H. (2020). Coronavirus disease 2019, school closures, and children's mental health. *Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 31(2), 74–79. <https://doi.org/10.5765/jkacap.200010>
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bezerra, C. B., Saintrain, M. V. L., Braga, D. R. A., Santos, F. S., Lima, A., Brito, E., & Pontes, C. (2020). Psychosocial impact of COVID-19 self-isolation on the Brazilian population: A preliminary cross-sectional analysis. *Saúde e Sociedade*, 29(4), 1–10. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>
- Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do coronavírus: Suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Civilização Brasileira.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912–920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Campana, N. T. C., & Casella, C. B. (2021). Experiência com crianças e adolescentes na pandemia: Alcances e limites da família, escola e clínica. *Estilos da Clínica*, 26(2), 204–218. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i2p204-218>
- Campos, D. (2011). *Psicologia da adolescência: Normalidade e psicopatologia* (24a ed.). Editora Vozes Ltda. (Trabalho original publicado em 1975).
- Castanho, G. (2019). Terapia de família com filhos adolescentes e pais na meia idade. In G. Castanho, & M. Dias (Eds.), *Terapia de família com adolescentes* (2ª ed., pp. 11-33). Ágora.
- Cidade, N. O. P., & Zornig, S. M. A.-J. (2021). Automutilações na adolescência: Reflexões sobre o corpo e o tempo. *Estilos da Clínica*, 26(1), 129–144. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p129-144>
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Eds.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). EDIPUCRS.
- Fernandes, A. D. S. A., Speranza, M., Mazak, M. S. R., Gasparini, D. A., & Cid, M. F. B. (2021). Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, 1–12. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoar2121>
- Freud, S. (2010). *Luto e melancolia* (Vol. 12, pp. 127-144). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Fortes, I. (2012). *A dor psíquica*. Cia de Freud.

- Fortes, I., & Macedo, M. (2018). Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa. In L. Fulgencio, J. Birman, D. Kupermann & E. Cunha (Eds.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: Métodos e Objetivos*. (pp. 106-122). Zagodoni.
- Fundação das Nações Unidas para a Infância [UNICEF]. (2022, 30 de maio). Metade dos adolescentes e jovens sentiu necessidade de pedir ajuda em relação à saúde mental recentemente, mostra enquête da UNICEF com a Viração. *UNICEF*. <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/metade-dos-adolescentes-e-jovens-sentiu-necessidade-de-pedir-ajuda-em-relacao-a-saude-mental-recentemente>
- Imran, N., Zeshan, M., & Pervaiz, Z. (2020). Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 pandemic. *Pakistan Journal of Medical Sciences*, 36, 67–72. <https://doi.org/10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759>
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Liang, L., Ren, H., Cao, R., Hu, Y., Qin, Z., Li, C., & Mei, S. (2020). The Effect of COVID-19 on Youth Mental Health. *Psychiatric Quarterly*, 91, 841-852. <https://doi.org/10.1007/s11126-020-09744-3>
- Malavé, M. (2020, 16 de outubro). Saúde mental dos adolescentes no contexto digital da pandemia. *Portal Fiocruz*. <https://portal.fiocruz.br/noticia/saude-mental-dos-adolescentes-no-contexto-digital-da-pandemia>
- Manuel, C., Figueiredo, I., Prioste, A., Duque, T., & Pereira, C. (2022). Impacto da Pandemia COVID-19 na Saúde Mental de Crianças e Adolescentes com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção: Um Estudo Transversal. *Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental*, 8(2), 37–48. <https://doi.org/10.51338/rppsm.313>
- Marty, F. (2010). Adolescence et émotion, une affaire de corps. *Enfances & Psy*, 4(49), 40–52. <https://doi.org/10.3917/ep.049.0040>
- Melo, B. D., Pereira, D. R., Serpeloni, F., Kabad, J. F., Souza, M. S., Rabelo, I. V. M., ... & Freitas, C. M. D. (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: Recomendações para gestores*. Fundação Oswaldo Cruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41121>
- Meredith, R. (2021, 26 de agosto). Covid-19: O impacto subestimado da pandemia na saúde mental de jovens e crianças. *BBC NEWS*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58331221>
- Nestrovski, A., & Seligmann-Silva, M. (2000). *Catástrofe e representa-ção: Ensaio*. Escuta.
- Oliveira, W. A. de, Silva, J. L., Andrade, A. L. M., Micheli, D., Carlos, D. M., & Silva, M. A. I. (2020). A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: Scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(8), 2-14. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>
- Oosterhoff, B., Palmer, C. A., Wilson, J., & Shook, N., (2020). Adolescents’ motivations to engage in social distancing during the COVID-19 Pandemic: Associations with mental and social health. *Journal of Adolescent Health*, 67(2), 179–185. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.05.004>
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: Mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232–235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
- Outeiral, J. (2008). *Adolescer* (3a ed). Revinter.
- Ozamiz-Etxebarria, N., Dosil-Santamaria, M., Picaza-Gorrochategui, M., & Idoiaga-Mondragon, N. (2020). Stress, anxiety, and depression levels in the initial stage of the COVID-19 outbreak in a population sample in the northern Spain. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4), 1–9. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00054020>
- Penna, C. (2015). Investigações psicanalíticas sobre o luto coletivo. *Cadernos de Psicanálise*, 37(33), 9–30. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952015000200001&script=sci_abstract

- Pommereau, X. (2006). Les violences cutanées auto-infligées à l'adolescence. *Enfances & Psy*, 3(32), 58–71. <https://doi.org/10.3917/ep.032.0058>
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: Incertidumbre y certezas* (pp. 63–79). L. Editorial.
- Salari, N., Hosseinian-Far, A., Jalali, R., Vaisi-Raygani, A., Rasoulpoor, S., Mohammadi, M., Rasoulpoor, S., & Khaledi-Paveh, B. (2020). Prevalence of stress, anxiety, depression among the general population during the COVID-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. *Globalization and Health*, 16(57), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s12992-020-00589-w>
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia de pesquisa clínico-qualitativa – Definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108. <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=28720111>
- Vitale, M. (2019). Famílias com filhos adolescentes: Inquietações terapêuticas. In G. Castanho, & M. L. Dias (Eds.), *Terapia de família com adolescentes* (2a ed., pp. 44-52). Agora.
- Winnicott, D. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. Martins Fontes.
- Winnicott, D. (2011). *A família e o desenvolvimento individual* (4a ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993).
- World Health Organization. (2022, 3 de novembro). WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. *WHO Health Emergencies Programme*. <https://covid19.who.int/>
- Wünsch, C. G., Freitas, B. H. B. M., Gaíva, M. A. M., & Kantorski, L. P. (2021). O cuidado ao jovem em sofrimento mental na pandemia de COVID-19: Uma reflexão teórica. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 20, 1–8. <https://doi.org/10.4025/ccs.v20i0.58805>
- Zhou, S.-J., Zhang, L.-G., Wang, L.-L., Guo, Z.-C., Wang, J.-Q., Chen, J.-C., Liu, M., Chen, X., & Chen, J.-X. (2020). Prevalence and socio-demographic correlates of psychological health problems in Chinese adolescents during the outbreak of COVID-19. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 29(6), 749–758. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01541-4>

Como Citar:

Gomes, J. G., & Machado, R. N. (2024). Sofrimento psíquico, adolescência e efeitos pandêmicos: Análise de atendimentos psicoterapêuticos em clínica-escola. *Revista Subjetividades*, 24(3), e14194. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i3.e14194>

O presente trabalho é fruto de uma ampla pesquisa que recebe o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Endereço para correspondência

Julia Goulart Gomes
E-mail: juliagoulartgomes@gmail.com

Rebeca Nonato Machado
E-mail: recanm@gmail.com



Recebido: 20/12/2022
Revisado: 31/05/2023
Aceito: 03/04/2024
Publicado: 02/12/2024